

*EDIÇÃO DEFINITIVA*

WILLIAM S. BURROUGHS

# JUNKY

*DROGADO*

*INTRODUÇÃO*  
ALLEN GINSBERG

*TRADUÇÃO*  
REINALDO MORAES



Copyright © 1961, 1966, 1968, William S. Burroughs  
Todos os direitos reservados  
Copyright da introdução 1976 © Allen Ginsberg, 1976

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

### *Título original*

Junky

Capa

Retina\_78

## *Preparação*

## Ciça Caropreso

## *Revisão*

Renata Lopes Del Nero

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Burroughs, William S., 1914-1997.

Junky : drogado / William S. Burroughs ; introdução Allen Ginsberg ; tradução Reinaldo Moraes. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: *Junky*.

ISBN 978-85-359-2237-0

1. Ficção autobiográfica norte-americana 2. Heroína - Abuso - Ficção  
3. Toxicômanos - Ficção I. Ginsberg, Allen. II. Título.

13-02325

CPP-813.5

---

#### Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção autobiográfica : Literatura norte-americana 813.5

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 = São Paulo = SP

34332-332 São Paulo  
Telefone: (11) 3707-3500

Telephone: (11) 3707-2501

Fax: (11) 3707-3301

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Prólogo

**Nasci em 1914, numa sólida casa** de tijolo aparente, de três andares, numa grande cidade do Meio-Oeste. Meus velhos viviam bem. Meu pai tocava seu próprio negócio madeireiro. A casa tinha uma área na frente, um quintal nos fundos com jardim, um laguinho cheio de peixes e uma cerca alta de madeira protegendo tudo. Me lembro do homem dos lampiões acendendo o gás nas ruas, do enorme Lincoln preto reluzente e dos passeios pelo parque aos domingos. Não faltava nada: era uma vida segura e confortável, para sempre perdida agora. Eu podia vir com uma dessas conversas nostálgicas sobre o médico alemão que morava ao lado, os ratos que rondavam o quintal, o carrinho elétrico da minha tia e o meu sapo de estimação que vivia na beira do laguinho dos peixes.

Na verdade, minhas primeiras lembranças são matizadas pelo medo de pesadelos. Eu tinha medo de ficar sozinho, medo do escuro e medo de dormir por causa dos pesadelos, em que um horror sobrenatural estava sempre a ponto de se materializar. Tinha medo de que um dia, ao acordar, o pesadelo ainda estivesse lá. Me

lembro de uma empregada falando sobre ópio, que o ópio trazia sonhos lindos, e eu disse: “Vou fumar ópio quando eu crescer”.

Quando criança eu vivia assolado por alucinações. Uma vez, acordei de manhã bem cedo e vi uns homenzinhos brincando numa casa de cubos que eu tinha erguido. Não tive medo, só uma sensação de imobilidade e espanto maravilhado. Outra alucinação ou pesadelo muito comum envolvia “animais na parede”, e começava com o delírio provocado por uma febre estranha, jamais diagnosticada, que eu costumava ter aos quatro, cinco anos.

Frequentei uma escola moderna, ao lado dos futuros cidadãos integros — advogados, médicos e empresários de uma grande cidade americana. Junto das outras crianças eu ficava tímido, com medo de violências físicas. Tinha uma lésbica mirim muito agressiva que puxava meu cabelo tão logo me via. Eu bem que gostaria de socar a cara dela nesse mesmo instante, mas, anos atrás, ela caiu do cavalo e quebrou o pescoço.

Quando eu tinha sete anos, meus pais resolveram se mudar para o subúrbio “pra se verem livres de gente”. Compraram um casarão com muito terreno, bosques e um lago com peixes; em vez de ratos, havia esquilos no quintal. Vivíamos numa redoma aprazível, ao lado de um belo jardim, afastados da vida urbana.

Me botaram num ginásio particular de subúrbio. Eu não era especialmente bom ou mau nos esportes, nem brilhante ou retardado nos estudos. Tinha um bloqueio definitivo para matemática e tudo que fosse mecânico. Jamais gostei de jogos competitivos de equipe, e os evitava sempre que possível. O fato é que me tornei um doente imaginário crônico. Porém, gostava pra valer de pescar, caçar e caminhar. Lia mais do que a média dos garotos americanos daquele tempo e lugar: Oscar Wilde, Anatole France, Baudelaire e até Gide. Criei um apego romântico por um garoto, e a gente passava os sábados explorando velhas pedreiras, passeando de bicicleta e pescando em lagoas e rios.

Por essa época, fiquei muito impressionado pela autobiografia de um ladrão, intitulada *Você não pode vencer*. O autor afirmava que tinha passado boa parte da vida na prisão. Me parecia melhor que a chatice do subúrbio, onde todo contato com a vida estava cortado. Eu encarava meu amigo como um aliado, um cúmplice no crime. A gente descobriu uma fábrica abandonada, quebrou todos os vidros e roubou um formão. Fomos apanhados e nossos pais tinham de pagar os prejuízos. Depois dessa, meu amigo me virou a cara, porque a nossa relação punha em risco sua permanência no grupo. Eu logo vi que não havia compromisso possível com aquele grupo — *os outros* — e, quando dei por mim, estava bem sozinho.

O ambiente era estéril, o adversário vivia oculto e eu parti para aventuras solitárias. Meus atos criminosos eram meros gestos gratuitos, não visavam vantagens, e, na maior parte, não eram punidos. Eu invadia casas, ficava zanzando lá dentro sem pegar nada. Na verdade, não tinha nenhuma necessidade de dinheiro. Às vezes, eu percorria a região com uma carabina 22, acertando galinhas. Dirigia como um tarado, sem ligar pra segurança, até que um acidente, do qual saí sem um único arranhão por milagre, me assustou a ponto de me tornar prudente.

Entrei numa das três grandes universidades, onde me graduei em literatura inglesa por falta de interesse em outro assunto. Detestava a universidade e a cidade em que estava instalada. Tudo ali era morto. A universidade era um estabelecimento inglês postiço dirigido por graduados em renomadas escolas inglesas não menos postiças. Eu vivia só. Não conhecia ninguém, num lugar em que os estranhos eram vistos com desdém pela fechadíssima corporação dos benquistas.

Caí por acaso num grupo de homossexuais abonados da cena gay internacional que vivia perambulando pelo mundo e tropeçando uns nos outros nas bibocas de entendidos, de Nova York ao Cairo. Conheci um novo estilo de vida, um novo vocabulário, refe-

rências específicas — um sistema simbólico global, enfim, como dizem os sociólogos. Mas quase só dava idiota nessa turma e, depois de um curto período de fascínio, caí fora.

Uma vez graduado, sem distinções, me deram uma pensão de cento e cinquenta dólares por mês. Isso, no tempo da Depressão, quando não havia empregos; em todo caso, eu não conseguia mesmo pensar em nenhum emprego que me interessasse. Fiquei passeando pela Europa durante um ano mais ou menos. Os remanescentes da decadência do pós-guerra vadiavam pela Europa. Os dólares americanos podiam comprar uma boa porcentagem dos habitantes da Áustria, machos ou fêmeas. Isso foi em 1936, com os nazis avançando rapidamente.

Voltei aos Estados Unidos. Minha pensão dava para viver sem ter de trabalhar ou trambicar. Eu ainda estava apartado da vida, como nos tempos do subúrbio do Meio-Oeste. Vivia bestando, entre cursos de psicologia e aulas de jiu-jitsu. Comecei a fazer psicanálise, o que durou três anos. A psicanálise removeu inibições e ansiedades, me facilitando viver do jeito que eu queria. Muito do meu progresso na psicanálise foi obtido a despeito do meu analista, que não concordava com a minha “orientação”, como ele dizia. Por fim, ele abandonou a objetividade analítica e me botou pra fora, me acusando de “degenerado e fora da lei”. Eu estava mais satisfeito com os resultados da análise do que ele.

Cinco programas de treinamento para oficiais me rejeitaram por motivos físicos. Mesmo assim, o Exército acabou me incorporando com um certificado de capacidade para qualquer tipo de serviço. Percebendo que eu não ia me dar bem no Exército, apelei para minha ficha do hospício. Certa vez, entrei numas de Van Gogh e cortei um pedaço do dedo pra impressionar uma pessoa em quem eu estava interessado na ocasião. Os médicos do hospício nunca tinham ouvido falar em Van Gogh. Me engaiolaram como esquizofrênico, acrescentando um diagnóstico de “tipo paranoide”, para

justificar o fato de eu saber onde estava e quem era o presidente da República. Quando o Exército viu esse diagnóstico, fui logo dispensado, com a ressalva: “Este homem não deve nunca mais ser recrutado ou reclasificado”.

Depois de abandonar o breve convívio com o Exército, arranjei uma série de empregos. Naquela época já era possível arrumar qualquer tipo de trabalho que se quisesse. Trabalhei como detetive particular, extermínador de insetos e roedores e barman. Trabalhei em fábricas e escritórios. Fui xeretar nas redondezas do crime. Contudo, meus cento e cinquenta dólares mensais estavam sempre à mão. Eu não precisava ganhar dinheiro. Gostava da extravagância romântica de pôr em risco minha liberdade em atos criminosos de valor simbólico. Foi por esse tempo, e nessas circunstâncias, que entrei em contato com drogas pesadas, me tornei viciado e, em função disso, passei a ter uma necessidade real de dinheiro, que até então desconhecia.

Sempre se formula a mesma questão: por que um sujeito se torna viciado?

A resposta é que, em geral, ele não pretende se tornar viciado. Ninguém levanta de manhã e resolve se viciar. Demora pelo menos dois meses, com duas aplicações diárias, para se ficar realmente dependente. E ninguém sabe de fato o que é fissura por droga pesada até passar por vários períodos de dependência. Eu demorei quase quatro meses para ficar dependente pela primeira vez, e, mesmo então, os sintomas da privação da droga foram suaves. Não acho exagero afirmar que é preciso um ano e várias centenas de injeções para se produzir um verdadeiro viciado.

Outras questões, é claro, poderiam ser formuladas: por que você resolveu experimentar entorpecentes? Por que continuou a usá-los tempo suficiente para se viciar? Bem, você se vicia em entorpecentes quando não tem motivações fortes que apontem para outras direções. A droga pesada ganha por desistência. Eu a expe-

rimentei por curiosidade. Ia tomando umas picadas sempre que descolava a droga. Acabei fisgado. A maioria dos viciados com quem conversei relata a mesma experiência. Ninguém começou a usar drogas por algum motivo especial. Apenas foram tomando seus picos até se verem fisgados. Quem nunca foi viciado não consegue entender o que significa precisar da droga pesada com a urgência do vício. Ninguém decide virar viciado. Certa manhã o sujeito acorda fissurado e pronto — é um viciado.

Nunca me arrependi da minha experiência com drogas. Acho que estou melhor de saúde agora, depois de ter tomado drogas pesadas em vários períodos da vida, do que estaria se nunca tivesse me viciado. Quando se para de crescer, se morre. Um viciado nunca para de crescer. A maioria dos usuários costuma cortar a dependência periodicamente, o que envolve o encolhimento do organismo e a substituição das células dependentes da droga. Um usuário está em contínuo processo de encolhimento e crescimento no seu ciclo diário de carência e satisfação através da picada.

Os viciados, na maioria, parecem mais jovens do que são. Recentemente, cientistas fizeram experiências com um verme que obrigavam a encolher pela privação de alimento. Repetindo periodicamente esse processo de encolhimento, mantiveram o verme em crescimento contínuo, o que prolongou indefinidamente sua vida. Se um junky (viciado em droga pesada, junk) pudesse se manter num constante estado de dependência e cura, talvez conseguisse viver até uma idade assombrosa.

Droga pesada — junk — é uma equação celular que ensina ao usuário (junky) verdades de validade universal. Aprendi muito usando junk: vi a vida sendo medida em conta-gotas com solução de morfina. Senti a privação agônica da droga — a chamada “fissura” — e o alívio prazeroso quando as células sedentas de junk bebiam da agulha. É possível que todo prazer seja apenas alívio. Aprendi o estoicismo celular que a droga ensina ao usuário. Vi uma cela repleta de

junkies fissurados, silentes e imóveis em suas misérias estanques. Eles sabiam o quanto era inútil reclamar ou se mover. Sabiam que ninguém ali podia ajudar ninguém. Não há nenhum recurso, nenhum segredo que alguém possua e possa te oferecer.

Aprendi a equação junk. Droga pesada não é um meio de aumentar o prazer de viver. Junk não é um barato. É um meio de vida.

**Minha primeira experiência com junk** foi durante a guerra, em 1944 ou 1945. Eu conhecia um sujeito chamado Norton que trabalhava num estaleiro na época. Norton, cujo verdadeiro nome era Morelli, ou algo assim, tinha sido expulso do Exército por forjar um cheque de pagamento e recebera a classificação 4-F: mau-cariçismo. Se parecia com o George Raft, só que mais alto. Tentando melhorar seu inglês, Norton arranjara uns modos delicados, afáveis. Essa afabilidade, porém, não ficava natural nele. Quando distraído, sua expressão era sombria e cruel; a gente sabia que, ao virar as costas, a crueldade estaria cintilando de novo naquele olhar.

Norton era um ladrão esforçado e não se sentia bem se não roubasse alguma coisa todos os dias no estaleiro onde trabalhava. Ferramentas, comida enlatada, um macacão, o que fosse. Um dia, ele me ligou pra dizer que tinha roubado uma metralhadora Thompson. Será que eu arrumaria um comprador? Eu disse: — Talvez. Traz pra eu ver.

A escassez de moradia ia se agravando. Eu pagava quinze dólares por semana por um apartamento sujo que se abria pra uma es-

cada interna e nunca pegava sol. O papel de parede estava descolando por causa do vapor que vazava do radiador, isso, quando havia algum vapor pra vazar. Eu mantinha as janelas fechadas e calafetadas com jornal por causa do frio. O lugar vivia cheio de baratas e, vez por outra, eu matava um percevejo.

Eu estava sentado do lado do radiador, meio úmido de vapor, quando ouvi Norton bater. Abri a porta. Lá estava ele na escuridão do corredor com um pacotão embrulhado em papel pardo debaixo do braço. Sorriu e disse: — Oi.

Eu disse: — Entre, Norton, tire o casaco.

Ele desembrulhou a metralhadora; montamos a bicha e fomos brincando de disparar o percussor.

Disse a ele que eu tentaria achar um comprador.

Norton falou: — Ah, tem outra coisa que peguei.

Era uma caixa amarela, achatada, contendo cinco seringuetas de meio grão (um grão = 64,8 miligramas) de tartarato de morfina.

— É só uma amostra — disse ele, indicando a morfina. — Tenho quinze dessas caixas em casa e posso arranjar mais se você se livrar delas.

— Vou ver o que posso fazer — eu disse.

Naquela época, eu ainda não tinha tomado drogas pesadas nem me passava pela cabeça experimentá-las. Comecei a procurar alguém interessado nos dois artigos, e foi assim que topei com Roy e Herman.

Eu conhecia um jovem trambiqueiro do norte de Nova York que estava trabalhando numa lanchonete, a Riker's, só pra “dar um tempo”, como ele disse. Liguei pra ele e falei que precisava me livrar de uns troços; marcamos um encontro no Angle Bar, na Oitava Avenida, perto da rua 42.

Esse bar era ponto de encontro dos malandros da rua 42, que compõem um tipo peculiar de aspirante a marginal. Estão sempre procurando um “cara por dentro”, alguém que saiba planejar golpes e lhes diga exatamente o que fazer. Mas, como nenhum “cara por dentro” vai querer se meter com gente tão incompetente, sem sorte, fracassada, eles continuam à espreita, fabricando mentiras grotescas sobre suas grandes façanhas, enquanto dão um tempo como lavadores de pratos, balconistas de lanchonete, garçons; de vez em quando limpam algum bêbado ou alguma bicha apavorada; e continuam procurando, sempre procurando pelo “cara por dentro”, com o grande golpe planejado, que lhes diga: “Ando de olho em você. Preciso de um cara prum serviço aí. Você é o homem. Agora escuta...”.

Jack — através de quem eu conheci Roy e Herman — não era uma dessas ovelhas desgarradas sempre à procura do pastor com um anel de diamante no dedo e um revólver no coldre preso ao ombro, de voz dura, confiante, sugerindo contatos, subornos, transas e fazendo um assalto à mão armada soar tão fácil — sucesso garantido! Jack se dava bem. De vez em quando, aparecia de roupa nova e até de carro novo. Também era um mentiroso inveterado, que mais parecia mentir para si mesmo que para alguma plateia real. Tinha um rosto bem talhado e saudável, mas nunca lhe abandonava um curioso toque doentio. Ele sofria súbitas flutuações de peso, como um diabético ou um doente do fígado. Essas variações de peso eram acompanhadas de ataques incontroláveis de desassego que o faziam sumir por vários dias.

O efeito disso era incrível. Num dia, ele era um garotão saudável; uma semana depois, aparecia tão magro, pálido e envelhecido que era preciso olhar duas vezes pra reconhecê-lo. Sua cara era vincada por um sofrimento do qual os olhos não participavam. Parecia um sofrimento exclusivo de suas células. Ele próprio — o ego consciente que espiava pelos olhos de vigarista, esgazeados em calma prontidão — nada tinha a ver com o sofrimento de

seu outro ser rejeitado, um sofrimento do sistema nervoso, da carne, das vísceras e células.

Jack deslizou pro reservado onde eu estava sentado e pediu uma dose de uísque. Virou num trago, descansou o copo e me olhou com a cabeça um pouco inclinada pro lado e pra trás.

— O que foi que o cara conseguiu? — perguntou ele.

— Uma metralhadora Thompson e uns trinta e cinco grãos de morfina.

— Da morfina eu dou conta no ato. A metranca pode demorar um pouco.

Dois investigadores entraram, se encostaram no balcão e ficaram de papo com o barman. Jack apontou-os com a cabeça. — A lei. Vamos dar uma volta.

Saí com ele do bar. — Vou te levar a uma pessoa que vai querer a morfina — disse ele. — Depois pode esquecer esse endereço.

Descemos até o nível mais baixo da linha Independente do metrô. A voz de Jack, se dirigindo a uma plateia invisível, não dava descanso. Ele tinha a manha de infiltrar aquela voz direto pra dentro da consciência do interlocutor. Nenhum barulho externo conseguia abafá-la. — É só me jogar um 38 na mão. Engatilho e mando ver. Derrubo qualquer um a cento e cinquenta metros. Você acredita se quiser. Meu irmão tem duas metrancas calibre 30 mocoazadas em Iowa.

Saímos do metrô e fomos andando pelas calçadas cobertas de neve, ao longo de uma fileira de casinhas geminadas.

— Fazia tempo que o cara tava me devendo, sabe? Eu sabia que ele tinha a grana, mas não queria me pagar. Esperei ele na saída do trabalho. Eu tinha um rolo de moedas na mão. Ninguém pode te prender por estar portando dinheiro americano. Ele me disse que estava duro. Arrebentei o queixo do sujeito e tirei a minha grana dele. Tinha dois amigos do cara vendo tudo, mas não se meteram. Eu enfiava uma lâmina neles.

Subimos a escadinha que ia dar na porta da frente de uma casa. Os degraus eram de metal preto gasto. Paramos diante de uma porta estreita revestida de latão e Jack deu uma batidinha na porta de um jeito todo maneiro, a cabeça abaixada, estilo arrombador de cofre. Uma bicha de meia-idade, imensa, flácida, abriu a porta. Tinha tatuagens nos antebraços e até nas costas das mãos.

— Esse é o Joey — disse Jack. Joey disse:

— Oi, pessoal.

Jack tirou uma nota de cinco dólares do bolso e deu pro Joey.

— Vai comprar meia garrafa de Schenley's pra gente, tá, Joey?

Joey vestiu um sobretudo e saiu.

Em muitas casinhas como aquela a porta da rua abria direto pra cozinha. Era o caso daquela: estávamos na cozinha.

Depois que Joey saiu, reparei que havia um homem ali em pé me olhando. Ondas de hostilidade e suspeita fluíam de seus grandes olhos castanhos, como numa transmissão de tv. O efeito era quase de impacto físico. Era um homem baixo, muito magro, com o pescoço sobrando dentro do colarinho da camisa. Sua tez, sobre a qual uma pesada maquiagem tentava disfarçar uma erupção cutânea, descambava do moreno para um amarelo malhado. A boca, retorcida nos cantos, compunha uma careta de desagrado petulante.

— Quem é esse? — perguntou ele. Mais tarde fiquei sabendo que se chamava Herman.

— Um amigo meu. Quer vender um pouco de morfina — disse Jack.

Herman deu de ombros e fez um gesto com as mãos: — Acho que não me interessa, não.

— O.k. — disse Jack —, vou ver se alguém quer. Vem cá, Bill.

Passamos pra sala. Tinha lá um radinho, um Buda chinês com uma vela votiva na frente e muita quinquilharia. Além de um homem deitado num pequeno sofá. Assim que entramos, levantou o tronco,

disse oi e sorriu amigável, exibindo dentes sujos e manchados. Tinha sotaque sulista, com um toque do leste do Texas.

Jack disse: — Roy, este aqui é um amigo meu. Tem morfina e quer vender.

O homem se empertigou, tirando as pernas de cima do sofá. Seu queixo pendeu bambo, dando-lhe um ar ausente. Tinha uma pele suave e morena e maçãs do rosto salientes que lhe davam um aspecto oriental. Orelhas de abano despontavam de seu crânio assimétrico. Os olhos castanhos tinham um brilho especial, como se houvesse pontos de luz acesos por trás. A iluminação ambiente cintilava naqueles olhos, como numa opala.

— Quanto você tem? — me perguntou.

— Setenta e cinco seringuetas de meio grão.

— O preço normal é dois dólares o grão — disse ele —, mas seringuetas pegam um pouco menos. A turma prefere pastilhas. As seringuetas vêm com muita água, é preciso espremer elas e cozinhar o bagulho. — Fez uma pausa; sua cara ficou nula. Por fim, falou: — Posso pagar um dólar e meio o grão.

— Acho que tá bom — eu disse.

Ele quis saber como me achar, e eu lhe dei o número do meu telefone.

Joey voltou com o uísque, e todo mundo tomou um trago. Herman enfiou a cara na sala e disse a Jack: — Posso falar um minuto com você?

Dava pra ouvi-los discutindo na cozinha. Depois Jack voltou, sozinho. Continuamos bebendo, enquanto Jack contava uma história:

— Meu sócio andava me passando a perna. Cheguei nele, enquanto o cara dormia, segurando um pedaço de cano que eu tinha achado no banheiro. O cano tinha uma torneira na ponta, saca? De repente ele dá um pulo da cama e sai correndo. Acertei ele com o lado da torneira; ele correu pra sala com o sangue esguichando da cabeça a uns três metros, cada vez que o coração dele batia. — Jack

fez um gesto de pulsação com a mão. — Dava pra ver os miolos misturados com o sangue. — Jack caiu num riso descontrolado. — Minha garota tava me esperando no carro. Me xingou de... — ha-ha-ha — me xingou de... — ha-ha-ha — *assassino desalmado*.

Riu até ficar vermelho.

Numa das noites seguintes ao meu encontro com Roy e Herman, resolvi experimentar uma seringueta. Foi meu primeiro contato com junk. Uma seringueta parece um tubo de pasta de dente com uma agulha na ponta. Basta romper o lacre de segurança com um alfinete e a seringueta está pronta para ser aplicada.

A morfina atinge primeiro a barriga da perna, depois a nuca. Uma onda de relaxamento se alastra; os músculos parecem descolar dos ossos e você tem a sensação de flutuar sem limites, como se boiasse no mar morno. No que essa onda de relaxamento começou a se espalhar pelos meus tecidos, fui tomado por um medo poderoso. Tinha a impressão de que uma imagem terrível se escondia um pouco além do meu âmbito de visão, acompanhando meus movimentos de cabeça, de maneira a nunca me deixar vê-la. Senti náuseas. Deitei e fechei os olhos. Vi uma sequência de cenas, como num filme: um bar enorme, todo iluminado com neon, ia crescendo, crescendo, até que as ruas, o trânsito e os edifícios fossem abarcados por ele; uma garçonete carregava um crânio numa bandeja; estrelas cintilavam no céu claro. Impacto físico do medo da morte; corte da respiração; parada da circulação sanguínea.

Caí no sono e logo acordei sobressaltado. Na manhã seguinte, vomitei e passei mal até o meio-dia.

Roy ligou naquela noite.

— Sobre aquilo que a gente conversou outro dia... — disse ele. — Eu posso chegar até uns quatro dólares por caixa e levar

cinco caixas agora. Você tá ocupado? Vou dar um pulo aí. A gente chega a um acordo.

Minutos depois, ele bateu à porta. Estava de terno de lã xadrez e uma camisa cor de café. Trocamos um oi, ele olhou em redor, indiferente, e disse: — Se você não se incomoda, vou tomar uma das quelas agora.

Abri a caixa. Ele pegou uma seringueta e a injetou na perna. Afivelou rapidamente a calça. Puxou vinte dólares do bolso. Eu botei cinco caixas na mesa da cozinha.

— Acho que vou tirar elas das caixas — disse ele. — Muito volume.

Começou a enfiar as seringuetas nos bolsos do casaco. — Acho que não vão perfurar desse jeito. Escuta, te ligo de novo amanhã, ou depois, assim que tiver passado isto adiante e arranjado mais dinheiro. — E, ajustando o chapéu no crânio assimétrico, disse: — Até mais.

No dia seguinte, estava de volta. Injetou uma seringueta e puxou quarenta dólares. Apresentei-lhe dez caixas e separei duas.

— São pra mim — eu disse.

Me olhou surpreso: — Você também toma?

— De vez em quando.

— Não presta — disse ele, balançando a cabeça. — É a pior coisa que pode acontecer a um homem. No começo todo mundo acha que dá pra controlar. — Riu. — Fico com tudo que você puder me arrumar a esse preço.

No dia seguinte, lá estava ele de novo. Perguntou se eu não tinha mudado de ideia sobre as duas caixas. Respondi que não. Ficou com duas seringuetas, a dois dólares cada uma, injetou as duas e foi embora. Disse que tinha se candidatado para uma viagem de dois meses num navio.